

Editorial

O LEITOR ENCONTRARÁ, abrindo a presente edição da revista **MATRIZes**, um conjunto de quatro artigos, na seção “Dossiê”, que se voltam para um tema atualíssimo: as *jornadas de junho de 2013* que culminaram no dia 21, quando um milhão e duzentas mil pessoas estiveram nas ruas de várias cidades brasileiras manifestando-se contra uma ampla e variada lista de itens que consideravam inaceitáveis. Sem que o chamamento pudesse ser creditado a um único grupo político ou a uma organização social ou profissional, as jornadas de junho foram o espaço de indignações e esperanças das chamadas “vozes da rua”.

Os artigos de **Bart Cammaerts**, “Lógica do protesto e a estrutura da oportunidade midiática” e de **Massimo Di Felice**, “Ser redes: o formismo digital dos movimentos net-ativistas”, discutem abordagens teóricas e analisam o papel das redes sociais nos movimentos coletivos e as novas formas de sociabilidade e de política. **Cicília Peruzzo** em “Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que ‘o gigante acordou’” e **Cremilda Medina** no ensaio “Novas manifestações, velhos paradigmas”, constroem olhares arqueológicos-genealógicos inovadores na busca da singularidade do acontecimento das movimentações de rua de junho de 2013 no Brasil.

Abordando construções ideológicas em textos visuais, o artigo de **Eduardo Peñuela Cañizal**, “Enquadramentos ideológicos e escriturais em textos visuais” dialoga com o artigo “O Conhecimento como dialética da imaginação”, de **Lucrécia DEAlessio Ferrara**, em que são estudadas “as inferências cognitivas produzidas pela imaginação quando adere à natureza sensível do objeto empírico”. Fatos, fenômenos e acontecimentos inéditos solicitam novas estratégias do olhar observador. Procedimentos de pesquisa variáveis e visões desprovidas

E

de generalizações limitadoras prévias podem construir e compreender o novo, eis que nos mostram estes dois artigos.

Mark Deuze, com o artigo “Vivendo na mídia como um zumbi”, sobre a questão de se viver com e na mídia hoje e **Ana Carolina Escosteguy** em “Melodrama e heroização: a mídia no relato biográfico” sobre as narrativas identitárias construídas através da mídia, dialogam a partir de posições diferentes sobre o mesmo tema.

Como o cidadão de baixa renda decodifica a publicidade? É possível verificar-se a presença da estética e da cultura do narcotráfico na televisão latina? Como o jornal impresso retrata imigrantes? A possibilidade de compartilhamento digital de fotos reconfigura as correlações entre fotografia doméstica, estética fotográfica e intimidade? Indagações como estas, abordadas na seção “Em Pauta” desta edição de **MATRIZES**, respectivamente por **Clotilde Perez e Sergio Bairon**, em “Universos de sentido da população de baixa renda no Brasil: semânticas da estabilidade, da ascensão social e da mobilidade”; **Omar Rincón**, com seu estilo peculiar, em “Todos temos um ‘narco’ em nós”; **Maria Cristina Dadalto**, em “Imigração e permanência do sonho”; e, por fim, **Nina Velasco e Cruz**, em “Transcendendo o cotidiano: Uma análise das fotografias de família produzidas pela Cia de Fotos no Flickr”; atestam o dinamismo de um campo de saber em que as questões sobre o *tripé cultura, comunicação e sociedade* não param de se multiplicar e de se recolocar e não cessam de exigir novas posturas de seus pesquisadores.

O olhar reflexivo sobre a pesquisa de comunicação responde a questões de como os estudiosos podem se municiar para compreender a complexidade do tempo atual, discute **Marco Schneider** em “Ética e epistemologia: alerta contra a ‘neutralidade axiológica’ na pesquisa em comunicação contemporânea”. **Eva Pujadas**, em “A qualidade da televisão além do conceito de politicamente correto”, questiona se é possível haver uma programação televisiva de qualidade.

O próprio título escolhido para nomear a entrevista de **Richard Grusin**, realizada por **Elizabeth Saad Corrêa**, “Da remediação à premediação: ou de como a sensação de imediatismo da sociedade digital dos anos 1990 evoluiu para um clima de contínua antecipação do futuro no século 21” já explicita sua vinculação temática. Âmbito temático que ressoa também na resenha de **Maria Clara Aquino Bittencourt** sobre o livro *@internet e #rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais*, de Fábio Malini e Henrique Antoun. O discurso e a representação que os jornalistas fazem de si mesmo no atual, e conturbado, momento é o tema do livro organizado por Roseli Figaro *O jornalista e os discursos sobre o seu trabalho*, abordado em resenha de **Claudia Nociolini Rebechi**.

Com este conjunto de textos **MATRIZes** segue o seu percurso e mantém-se em sua missão de atuar no horizonte transdisciplinar dos estudos de Comunicação e de contribuir para definir, mapear e explorar os novos cenários comunicacionais.

Equipe Editorial